

Lições da História

Con. Brasil

Nesse tempo de baixo astral da sociedade brasileira, mergulhada numa crise de identidade e ressentida com os problemas que não se solucionam há uma década, merece ser ouvida a observação sobre a posição do Brasil, num mundo em mutação, feita pelo chefe de governo alemão, Helmut Kohl, em sua recente viagem.

Aos economistas, empresários e políticos que falam em hiperinflação como mero exercício para teses e reivindicações, o chanceler responsável pela unificação da Alemanha lembrou o quadro de terríveis dificuldades do Natal de 1947 de seu país arrasado pela II Guerra Mundial.

Nenhum país pode lucrar com a hipótese extrema da hiperinflação. Como remédio econômico, pregado por alguns economistas que chegaram a ocupar cargos importantes no governo e fracassaram nas experiências heterodoxas, pode ser comparado a uma bomba de nêutrons: deixa os bens materiais intactos, mas destrói toda a forma de vida.

A sugestão de trabalho e dedicação aos jovens desencantados que se deixam ficar no ócio das praias, como forma de dar a volta por cima das dificuldades, é um sábio conselho do comandante da terceira economia do mundo, que em 1947 estava no fundo do poço. Helmut Kohl olha o mundo sob dois prismas: como cenário da expansão das vendas, investimentos e compras de matérias-primas das empresas alemãs, e *habitat* do homem que precisa combinar o progresso com a preservação da natureza.

O mais interessante, no entanto, foi o alerta para que os brasileiros prestem mais atenção ao que se passa na Europa. Ele traçou uma projeção da

unificação europeia, com a Europa Unida de 1º de janeiro de 1993 criando um mercado comum de 340 milhões de habitantes de alto poder aquisitivo e prevendo a adesão em 1995 da Áustria e da Suécia, provavelmente seguidas da Finlândia, Dinamarca e Suíça.

Esse quadro e as observações sobre a necessidade de a URSS resolver sozinha seus problemas internos devem ser encarados como um desafio aos empresários brasileiros que se queixam da crise. Em primeiro lugar, a Europa unida abre perspectiva de mudança radical nas relações econômicas e comerciais desse grande mercado com o Japão, os EUA, o Leste europeu e os países emergentes da Ásia e da América Latina, onde o Brasil tem a economia mais dinâmica.

No caso da URSS, a tentativa de implantação da economia de mercado em substituição ao planejamento central, pela abertura de sua economia aos investimentos estrangeiros, esbarra na falta da figura do empresário privado que corre risco e na inexistência de uma estrutura empresarial capitalista e competitiva.

O Brasil, apesar das distorções acumuladas pelo excessivo fechamento de sua economia e da baixa concorrência entre as empresas que cartelizaram os preços, já dispõe de centenas de empresas com tradição competitiva no mercado internacional. Isso é um trunfo que não pode ser desprezado pelo empresariado nacional. O Brasil continua a ter muitas perspectivas. Para enfrentar os desafios, é preciso, portanto, trabalhar e negociar mais, e reclamar e discutir menos, como os alemães mostraram em muitos períodos críticos da sua história.

JORNAL DO BRASIL

04 NOV 1991